

Posfácio

Por Susana Durão³²

As economias do risco, sob a égide da prevenção de desvios ou danos a qualquer custo, estão em expansão nas sociedades atuais. Avanços tecnológicos são usados e manipulados de modo a controlar íntima e minuciosamente várias dimensões da vida social. A videovigilância e todas as tecnologias de monitoramento e rastreamento agem de tal modo no mundo social que se transformam em atores sociológicos, ou socio-técnicos, dignos de atenção. É nesses novos atores que Leonardo Ostronoff foca a sua atenção. Nesta obra o autor fornece várias evidências para pensarmos dimensões da vida social, institucional e econômica relacionadas à segurança privada até aqui muito pouco pesquisadas na academia brasileira.

As grandes superfícies do varejo, como os supermercados, são um desses locais de experimentações de novos aparatos de controlo, hoje conhecidos como prevenção de perdas. Leonardo Ostronoff nos permite um mergulho nestas realidades e analisa o desenho destes fenômenos no Brasil. E faz tudo isso com um estilo de texto cativante, que oscila entre o ensaio sociológico e a reportagem jornalística de investigação.

De notar que um dos aspectos centrais a retirar da pesquisa, em várias frentes, é a forma como Leonardo perspectiva a segurança em suas diferentes dinâmicas. Leonardo se preocupa mais em acompanhar o que está acontecendo do que em fixar a sua análise em um único ponto de observação empírica. É no sentido de ir revelando no texto o movimento das suas próprias descobertas que este autor nos propõe uma leitura transversal da segurança logística – nos dispositivos das lojas, no controlo de perdas em centros de distribuição, no micro-monitoramento das subjetividades dos trabalhadores dos supermercados, ou ainda no fenômeno do roubo de cargas e na reação institucional com aparatos policiais a esse tipo de roubos. Interessante a revelação de como esses roubos de mercadorias passam de

³² Professora de Antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Coordenadora da Secretaria de Vivência nos Campi da UNICAMP

um estatuto de relativo desinteresse nas hierarquias do policiamento a foco de ação estratégica, econômica e política, em duas das maiores cidades do país, São Paulo e Rio. Por tudo isso, esta obra é original.

Nos espaços dos supermercados, podemos acompanhar a análise da transição da segurança privada como setor, com vigias uniformizados, para a área de prevenção de perdas. Mas o que sabemos é que num plano mais lato esta não é uma transição; é antes uma sobreposição. É possível dizer que no Brasil, as economias do controle, e com elas todas as áreas, serviços e atores da segurança não só convivem como cada uma parece não perder protagonismo e nem investimento à medida que a outra cresce. A segurança em geral, pública, privada e mista, é um negócio extremamente lucrativo que parece tornar-se tanto mais poderoso à medida que aumenta a sua opacidade e a fuga a mecanismos de fiscalização minimamente credíveis.

Este livro também autoriza a ampliar a imaginação teórica, podendo abrindo para discussões mais amplas sobre o controlo logístico, o papel da segurança das cargas, a abertura de avenidas do capital e o papel das tecnologias de controlo em uma dimensão específica das relações sociais -- as próprias relações de produção. Na contemporaneidade, as tecnologias de controlo moldam boa parte das relações de produção. Neste trabalho o autor mostra a eficácia produtiva da área de prevenção de perdas para punir os trabalhadores em seus comportamentos cada vez mais adivinhados por sofisticados analíticos dispostos nas câmeras de videovigilância. Além do constrangimento dos trabalhadores, o que reverte facilmente em humilhações e acusações de toda a ordem, estes sistemas fechados anulam a possibilidade de negociação nas relações de trabalho, que não têm assim outra saída a não ser se adaptar à era do hiper-monitoramento.

Depois de ler este livro, ao visitarmos um supermercado, não conseguiremos jamais deixar de observar e refletir como vigilância, punição e trabalho são de fato inseparáveis. Ou seja, perdemos a ingenuidade. Toda esta parafernália securitária, quando vista do lado dos trabalhadores, acaba por cercear valores de relações produtivas que pudessem estar baseados em relações sociais contratuais e de confiança mútua. E tudo isto explica, em boa medida, porque o trabalho, sobretudo o menos qualificado, se tornou um mundo de auto-disciplina, de extrema exaustão e de uma rotatividade ininterrupta e improdutiva de trabalhadores.

“Não existe almoço de graça” evoca algo maior: o preço a pagar pelo avanço e multiplicação de sistemas de segurança. Manter refém de

tecnologias de controlo uma série de grupos sociais por falta de confiança no seu trabalho e produtividade é uma dimensão que no futuro poderá vir a ser revertida. Quando se avaliarem os custos do efeito das tecnologias de controlo na vida humana e social, talvez seja possível, por fim, desmistificar as noções de progresso, eficiência e modernidade que a eles se associam.